



## DOSSIÊ TEMÁTICO

### Marcha das Vadias em Recife-PE:

Algumas observações sobre vestimenta (e) política

Anna Odara de Araújo Tavares<sup>1</sup>

Hugo Menezes Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo seguem as primeiras impressões de uma pesquisa em andamento sobre a Marcha das Vadias do Recife. Apresentamos episódios e pontos importantes que surgiram do trabalho de observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas com organizadoras e manifestantes nas edições da Marcha das Vadias do Recife (MVR) ocorridas nos anos de 2017 e 2018. O enfoque aponta para duas dimensões: a relação da Marcha com o espaço urbano e das manifestantes com as vestimentas (ou a ausência delas) que são por si o emblema e o conceito do protesto. Explora, portanto, a relação com os movimentos sociais contemporâneo, uma vez que na capital de Pernambuco a manifestação é organizada por um coletivo chamado Coletiva das Vadias, tanto quanto pensa sobre a roupa e a nudez constituintes de performances agenciadoras de protestos públicos.

**Palavras-chave:** Marcha das Vadias, cidade, vestimenta, gênero e violência.

**Abstract:** In this article follow the first impressions of an ongoing research about the Marcha das Vadias do Recife (MVR). We present episodes and important points that emerged from the participant observation work and the application of semi-structured interviews with organizers and protesters in the editions of the MVR that took place in 2017 and 2018. The focus points to two dimensions: the relationship of the March with the urban space and the protesters with the clothing that is itself the emblem and the concept of protest. Therefore, it explores the relationship with contemporary social movements, since in the capital of Pernambuco the demonstration is organized by a collective called Coletiva das Vadias, as much as it thinks about clothing and nudity as mediators of public protests.

**Keywords:** March of Vadia, city, clothing, gender and violence.

Iniciada em Toronto, no Canadá, com o nome *Slutwalk*, a Marcha das Vadias é uma manifestação feminista que defende a liberdade e a autonomia das mulheres, principalmente sobre seus corpos. Já na sua primeira edição, em 2011, ficou conhecida como um movimento de mulheres que usa a pouca roupa ou a nudez para protestar contra a culpabilização das vítimas pelo assédio ou estupro.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE). Desenvolve a pesquisa sobre a Marcha das Vadias para a produção da dissertação de mestrado, com ênfase na relação entre roupas e nudez nesse protesto feminista na cidade do Recife.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE).

Muitas são as justificativas propaladas e socialmente aceitas para que a culpa do assédio e do estupro recaia sobre as próprias vítimas: as suas roupas, atitudes, comportamentos, ou mesmo pelo local frequentado tido como perigoso ou por estar fora de casa em “horário indevido”. Tais argumentos pautam-se no estereótipo de que mulheres devem se vestir com pudor ou recato e não frequentar determinados lugares tendo em vista a exposição de seus corpos e o perigo naturalizado ao qual “se expõem”.

A Marcha das Vadias foi inicialmente articulada na Universidade de York<sup>3</sup>, onde, após elevados índices de assédio e estupro, uma série de debates e palestras foram realizados. Em um desses encontros públicos um segurança do *campus* afirmou que as alunas evitariam o estupro se não se vestissem como “vadias”. Após essa declaração as mulheres presentes se organizaram e foram às ruas com roupas consideradas “provocantes”, fizeram *topless* e mostraram seus corpos em uma alusão a ideia de “vadia”, como forma de protesto e em defesa da sua autonomia sobre seus corpos e suas vidas<sup>4</sup>. A vestimenta socialmente condenada e a nudez foram o foco das primeiras reivindicações e também elemento de destaque nesse e nos outros eventos intitulados então como Marcha das Vadias.

A ideia de vadia é social e historicamente construída no ocidente. Como resquício impróprio de uma elaboração anterior, ainda no século XXI as mulheres são categorizadas entre “castas” e “públicas” (Rago, 2013), sendo as segundas aquelas ligadas à prostituição. A vadia, então, seria a “mulher pública”, “mulher alegre” ou “mulher da vida”, ou as que ousavam se colocar performaticamente fora dos padrões de gênero e recato esperado para uma mulher. Na Marcha das Vadias esse estereótipo/imagem é reatualizado pela performance, a ideia de vadia é rearticulada e reatualizada condensando novos positivados de autonomia sobre os corpos, empoderamento feminino e liberdade de expressão. A nudez e a pouca roupa tornam-se técnicas corporais (Mauss, 2003) para politização dos corpos, além de instrumentos de denúncia política das opressões patriarcais e de promoção de

---

<sup>3</sup> Contexto em que os alunos moram no espaço da Universidade.

<sup>4</sup> Informações retiradas do site <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>, acessado em 2 de julho de 2016.



visão crítica do mundo. As performances das participantes da Marcha comunicam e reivindicam que a mulher pode se vestir e se comportar como ela quiser, inclusive no espaço público, sem ser interdita pela moralidade patriarcal, culpada pelas violências que sofre, ou condenada esteticamente por não corresponder ao padrão.

Em consonância com as ideias de Christine de Alencar Chaves (2002: p.139), entendemos que a marcha é:

uma forma cultural transtemporal e presente em diferentes tradições, dotada de características distintivas que permitem reconhecê-la, conquanto passível de ser revestida de significados os mais diversos. Como forma cultural estereotipada, as marchas são passíveis de classificação entre os rituais, eventos públicos padronizados, embora permitam performances variáveis conforme o contexto. (...) A eficiência da ação ritual ancora-se no fato de acionar crenças culturais essenciais, crenças que constituem uma cosmologia, isto é, concepções fundamentais para um determinado universo social. O conjunto de crenças ativado através de formas rituais estáveis torna-se sancionado pela idéia de tradição nelas embutida: forma e conteúdo são indissociáveis na ação ritual. (...)

Seguindo ainda as pistas de Chaves (2002: p.139), é exatamente pelas marchas se apresentarem como “eventos padronizados sujeitos à variação das performances”, que a Marcha das Vadias, um ritual feito por mulheres performando “vadias”, estão a serviço da construção de novas legitimidades e da experimentação de outros ordenamentos: “Os rituais podem ser utilizados como formas legítimas de manifestação do dissenso, tornando-se instrumentos de construção de novas legitimidades, âncoras de ordenamentos sociais alternativos”.

No Brasil, ainda no ano de 2011, a Marcha passa a acontecer em muitas cidades, dentre elas Recife, capital Pernambucana. A articulação é realizada por redes e coletivos de cada localidade e a mobilização majoritariamente promovida pela internet. Neste artigo apresentamos episódios e pontos importantes oriundos do trabalho de observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas com organizadoras e manifestantes nas edições da Marcha das Vadias do Recife (MVR) ocorridas nos anos de 2017 e 2018. O enfoque aponta para duas dimensões: a relação da Marcha com o espaço urbano e das manifestantes com as vestimentas que são por si o emblema e o conceito do protesto. Explora, portanto, a relação com os movimentos sociais contemporâneo, uma vez que na capital de Pernambuco a

manifestação é organizada por um coletivo chamado Coletiva das Vadias, tanto quanto pensa sobre a roupa e a nudez como agenciadores de protestos públicos.

Neste artigo seguem as primeiras impressões da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco, por Anna Odara de Araújo Tavares e orientada pelo Professor Hugo Menezes. Na Marcha das Vadias de Recife, no ano de 2017, foram aplicadas entrevistas com mulheres presentes no local de concentração da referida marcha. A pedido das interlocutoras o anonimato foi preservado, elas serão denominadas por letras, de A até I, totalizando as nove mulheres entrevistadas.

### **Movimento Feminista no Brasil e o modelo dos novos movimentos sociais**

Não é novidade na literatura feminista a existência de espaços sociais, subjetividades e comportamentos específicos para homens e mulheres na sociedade ocidental. Abordagens mais clássicas, como a de Joan Scott (1995), aponta para o gênero como mecanismo de arranjos sociais desiguais e dispositivo das relações de poder. Essa abordagem, ainda útil para pensar a sociedade atual, denuncia a assimetria das relações entre homens e mulheres, que coloca os gêneros em oposição. O arranjo social homem - dominante e mulher - submissa (Louro, 1997) também se manifesta na imposição, regulação e fiscalização social dos códigos de vestimenta para as mulheres. Seus corpos, roupas e comportamentos são pré-determinados e controlados por diversos dispositivos claros ou implícitos na dinâmica social. Ao homem, caberia, por essa lógica, o lugar da rua, do público, do político, fora de casa. Às mulheres, por sua vez, cabe o espaço da casa, e na rua seus corpos e suas vestes são rigidamente controladas, caso sejam subversivas a esse código tacitamente acordado, pautado no jogo social da opressão-submissão, elas serão as culpadas pelo comportamento violento, abusivo e criminoso dos homens.

As ideias oriundas dos movimentos feministas foram importantes para repensar a relação entre código vestimentar tacitamente aceito e a lógica do controle

e da opressão patriarcal<sup>5</sup>. No entanto, a reivindicação contra o controle sobre os corpos femininos é uma pauta atual no percurso histórico do movimento. Cynthia Sarti (2004) destaca que os movimentos políticos dos anos de 1960 e 1970 contra a ditadura militar contaram com a importante participação das mulheres, inclusive na luta armada.

Segundo Sarti (2004: p. 37), essa participação, mesmo sem uma proposta feminista deliberada, é especialmente transgressora na medida em que subverte o comportamento socialmente esperado para uma mulher, pois, “as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual que punha em questão a virgindade e a instituição do casamento, ‘comportando-se como homens’, pegando em armas e tendo êxito nesse comportamento”. Essa revisão aponta, todavia, para o início do movimento feminista enfrentando ou agenciando a proeminência do debate político acerca da posição da mulher frente ao regime político autoritário e a política no sentido institucional, em detrimento às questões que diziam respeito propriamente ao cotidiano da mulher como o aborto, a sexualidade, o planejamento familiar, questões que permaneceram, para Sarti (2004: p. 39), no âmbito das discussões privadas, “sem ressonância pública”.

---

<sup>5</sup>Margareth Rago (2013) aponta que, no Brasil, desde os anos de 1970 muitas mulheres se uniram visando criar novos modos de existir, ocupando espaços antes à elas negado, reivindicando direitos, inscrevendo outras sociabilidades, enfim, transformando a vida social, política e cultural do país. Na referida década, apesar da ditadura militar em vigor, na qual ideias de contestatórias, tidas como de esquerda eram ferozmente reprimidas, o movimento feminista teve considerável expressão nacional, se ligando a outros movimentos sociais. Segundo Corrêa (2001) o movimento foi se articulando entre mulheres jovens profissionais de esquerda. Como grande parte das reuniões eram proibidas, uma forma que as mulheres encontraram de perpetuar suas ideias eram através da igreja católica ou do Partido Comunista, instituições que se mantiveram firmes na época. Dessa forma, as mulheres que participaram da construção de um movimento feminista no Brasil estavam muito ligadas à universidade, à igreja ou ao Partido Comunista, criando jornais para circulação de ideias, grupos de estudos e introduzindo suas ideias em meio a pautas de outros movimentos. Assim, eram mulheres jovens, em sua maioria branca e de classe média.

No contexto atual, movimentos como a Marcha das Vadias expõem as mais diversas reivindicações avançando nas pautas e reivindicações e propondo, por meio de performances subversivas, a atenção para outras dimensões da dominação masculina, da opressão patriarcal e da violência de gênero. Em 2011 surge a Marcha das Vadias. Embora conceitual, estética e performativamente distinta, forma um conjunto de importantes manifestações de cunho feministas como o 08 de Março e a Marcha das Margaridas (que reúne mulheres trabalhadoras do campo desde 2000<sup>6</sup>).

Entendemos que a Marcha das Vadias, assim como as outras manifestações citadas acima, faz parte de um conjunto de protestos e organizações públicas chamado de “Novíssimos Movimentos Sociais”. Sá Barreto e Medeiros (2017) e Maria da Glória Gohn (2017) explicam essas nomenclaturas. Apontam, os autores, que nos últimos trinta anos surgiram os Novos Movimentos Sociais (NMSs), caracterizados por não possuírem a luta de classes como elemento impulsionador dos protestos, e sim questões relacionadas à cultura e à identidade. As reivindicações desses movimentos são voltadas para questões de gênero, identidade cultural, meio ambiente e etnia, sendo as mulheres, indígenas, afrodescendentes grupos manifestantes importantes. Nos NMSs destaca-se a atuação das comunidades, autogovernos, coletivos, organizações populares, diferentemente dos “antigos” movimentos sociais organizados em partidos e sindicatos.

Uma característica dos Novos Movimentos Sociais, ainda segundo os autores, seria a utilização de estratégias de ocupação das ruas utilizando técnicas de resistência civil, manifestações, greves, passeatas, tendo como vínculo central de organização, comunicação e propagação de informação as mídias sociais como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. As mídias, ferramentas de grande alcance e abertas a toda população com *internet*, acabam funcionando também como forma de exposição das reivindicações e conscientização.

Os Novíssimos Movimentos Sociais teriam como base os NMSs, porém a com reivindicações contra-identitárias (Sá Barreto e Medeiros, 2017). Os

---

<sup>6</sup> Ver Bogado (2018).



Novíssimos Movimentos somam à demanda dos NMSs questões de sujeitos que não necessariamente se enquadram nas definições solidificadas de identidade e gênero. Como exemplos destes, temos o Ocupe *Wall Street*, que aconteceu em Nova York no ano de 2011, protestando contra a crise financeira, e o 12M em Portugal, também no mesmo ano, que reivindicava melhorias trabalhistas para a população, principalmente para os Jovens.

Outra característica dos Novíssimos Movimentos é a ausência de um líder declarado. Segundo Gohn (2017), usando como exemplo emblemático o Movimento Passe Livre, há como característica uma estrutura organizacional aparentemente horizontal, autônoma, independente e apartidária, ao menos no campo do discurso público. Esse tipo de organização evita a projeção de uma liderança marcada, que atrairia para si os ônus e bônus, tornando-se um(a) ídolo, herói ou porta voz. Nas manifestações de junho de 2013, não era possível encontrar lideranças, o que inquietava a polícia e a mídia. Em um exemplo citado por Maria Bogado, quando questionado o nome de um dos manifestantes, ele respondeu: “anota aí, eu sou ninguém” (2018, p. 25).

No Brasil, Gohn (2017) vai apontar os Novíssimos Movimentos Sociais no período de 2013 a 2016, entre eles no Movimento Passe Livre (MPL), o Movimento Brasil Livre (MBL) e o movimento Vem Pra Rua (VPR). Todos esses foram movimentos que ocuparam as ruas do país para mostrar suas reivindicações e, como no caso do MPL, tendo grande adesão de jovens, a manifestarem-se contra o aumento da passagem dos transportes públicos reivindicando a gratuidade do serviço para beneficiar principalmente os moradores das periferias das cidades.

É preciso atentar, no entanto, que algumas manifestações de rua acontecidas no Brasil no período de 2013 a 2016, como o Vem Pra Rua (VPR), se colocam como suprapartidárias, visando um estado eficiente e desinchado, ideias que vão de acordo com uma política liberal. Uma das manifestações chamadas pelo VPR, em 2013, alcançou um número pequeno de pessoas, ocasionando a junção deste com uma passeata puxada pelo PSDB, partido de direita. O mesmo movimento foi um dos que estavam à frente para pressionar os parlamentares a votarem a favor do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, levando em conta uma

alternância de poder que beneficiaria os setores de interesses liberais para o país (GOHN, 2017).

Segundo Miguel (2018), com os governos do Partido dos Trabalhadores, de esquerda e com políticas sociais, grupos de oposição assumiram um discurso conservador e reacionário como posicionamento político. Em uma escala macro-sociológica, esses grupos se uniram aos movimentos de rua como o VPR e o MBL, que nas grandes manifestações pelo *impeachment* em 2015 e 2016 propalaram a valorização da meritocracia e o combate à corrupção, contribuindo com o *impeachment* da presidenta Dilma, por conseguinte, com a chegada de Michel Temer ao poder e a eleição de Jair Bolsonaro para presidente.

Em 2019, o Brasil representa um espaço dessas ideias liberais, conservadoras e reacionárias. Todo esse contexto impacta diretamente em políticas voltadas para as mulheres, como aponta Miskolci e Campana (2017), o enfrentamento à “ideologia de gênero” afeta as discussões sobre saúde reprodutiva, educação sexual e violência contra a mulher. O atual representante do país, ao se articular com o conservadorismo que tem a “ideologia de gênero” como pauta, acaba por reafirmar pensamentos ultrapassados de que mulheres precisam ser “recatadas e do lar”, por exemplo.

A Marcha das Vadias seria um dos Novíssimos Movimentos Sociais. Com grande adesão, ainda apartidária e sem projeção de lideranças visíveis, ela se mostra uma das respostas possíveis para a reivindicações das mulheres que alinharia corpo/assuntos cotidianos com direitos e políticas institucionais, acompanhando os avanços do movimento feminista no Brasil. Além de ser um ato ritualístico de dimensão pública que abre espaço para contestação da ordem compulsória das hierarquias de gênero por meio de performances subversivas que politizam os corpos, redefinem a ordem do binômio culpado e vítima, iluminam a participação do estado na manutenção da violência, e convocam mulheres para a luta reafirmando o empoderamento feminino frente à sociedade que as subalternizam.

### **A Marcha das Vadias (MDV) e a Marcha das Vadias de Recife (MVR)**



A Marcha das Vadias, iniciada em 2011, se disseminou rapidamente pela internet, ganhando cada vez mais força através das mídias e redes sociais. Segundo Galetti (2014), no Brasil, a Marcha teve início no mesmo ano, e já aconteceu em cerca de trinta cidades diferentes, entre elas Curitiba<sup>7</sup>, Belo Horizonte<sup>8</sup>, São Paulo<sup>9</sup> e Rio de Janeiro<sup>10</sup>. A autora afirma que em Campinas, no estado de São Paulo, a Marcha ganhou grandes proporções devido ao alto índice de estupro no distrito de Barão Geraldo, onde está localizada a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Em Recife, a Marcha das Vadias (Marcha das Vadias de Recife – MVR) também teve seu início em 2011, contando com aproximadamente duzentas pessoas e se concentrou na Praça do Derby, no bairro de mesmo nome. Em suas oito edições, a MVR manteve sua concentração na referida praça, área central de Recife, local de importante integração entre diferentes localidades da cidade, com grande circulação de ônibus e carros. A Marcha percorre toda a Avenida Conde da Boa Vista, totalizando aproximadamente dois quilômetros e meio, em direção a Praça do Diário, no centro da cidade. Um trajeto tradicional de manifestações e protestos públicos.

Na Marcha das Vadias, mulheres ocupam com nudez e roupas curtas as ruas da cidade como forma de apropriação de espaços urbanos para reivindicação de direitos da população. As edições de 2017 e 2018 começou seu percurso por volta das quinze horas, saindo da Praça do Derby e cruzou a Avenida Agamenon Magalhães e seguiu pela Avenida Conde da Boa Vista em direção à Praça do Diário, terminando em torno das dezoito horas. A Agamenon Magalhães foi a primeira perimetral construída na cidade e se caracteriza como uma das maiores vias do Recife, possuindo doze faixas, seis no sentido Olinda e seis no sentido Boa Viagem,

---

<sup>7</sup> Informações retiradas do site <<http://www.bemparana.com.br/noticia/482147/primeira-marcha-das-vadias-de-2017-protesta-contra-feminicidio.-veja-video>> acesso em 22 de jun de 2017.

<sup>8</sup> Informações retiradas do site <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/03/marcha-das-vadias-percorre-ruas-de-belo-horizonte-pelo-fim-da-cultura-do-estupro/>> acesso em 22 de jun 2017

<sup>9</sup> Informações retiradas do site <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/marcha-vadias-2015-melhores-cartazes/>> acesso em 22 de jun 2017

<sup>10</sup> Informações retiradas do site <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/gratis/mulheres-lutam-contra-cultura-do-estupro-na-marcha-das-vadias/>> acesso em 22 de jun de 2017



bairro nobre da capital pernambucana. Ao longo da Avenida se estruturam diversos edifícios comerciais e os mais prestigiados hospitais, sendo esta também importante ligação entre a região Leste e Oeste da cidade e principal caminho para quem se dirige ao centro de Recife. Essa avenida possui um tráfego diário de cerca de 100 mil veículos, foi fechada por alguns minutos para a passagem da MVR, quando as mulheres mostraram suas faixas, cartazes e seus corpos com palavras que reivindicavam o fim da cultura machista. É o trecho mais tenso da manifestação. Muitos carros, motos e até mesmo ônibus tentam avançar e furar o bloqueio, pondo em risco a vida das manifestantes. Apesar de tenso, o fechamento do trânsito é uma forma eficaz de chamar atenção para a manifestação.

A caminhada continua pela Avenida Conde da Boa Vista, principal avenida do centro da cidade. Com vários edifícios comerciais, lojas, escolas, faculdades, restaurantes e shopping, a avenida se caracteriza pelo grande fluxo de carros, ônibus e pessoas. Há uma dupla subversão nesse movimento: mulheres ocupando as ruas e, ao mesmo tempo, subvertendo o código vestimentar socialmente imposto e usado como dispositivo de controle, expondo seus corpos onde são proibidos, reivindicando autonomia e respeito. Seria uma forma “de nova tomada das ruas ou de programas de contra-uso de zonas urbanas tradicionalmente ocupadas pelo dispositivo estatal e seus multifacetados mecanismos.” (Sá Barreto e Medeiros 2017, p. 9).

No percurso pela Avenida Conde da Boa Vista, uma das faixas de carro foi bloqueada pela manifestação. As pessoas que estavam na rua, nos carros e ônibus olhavam curiosas, algumas “indignadas” com a nudez, outras em sinal de apoio e algumas buscando entender o que se passava. Na Marcha de 2018, uma das organizadoras estimulou que distribuíssemos um zine<sup>11</sup> durante a caminhada, material explicativo para os transeuntes sobre a Marcha. Por seu caráter duplamente subversivo a Marcha desperta uma mobilização, parte de apoio tanto quanto de repúdio.

---

<sup>11</sup> Estilo de publicação independente produzido manualmente.

Performances artísticas também são frequentes. Em 2017, por exemplo, antes da saída da Marcha em passeata, houve ato-protesto na referida praça, abordando o racismo como tema principal. A artista Perlla Rannielly<sup>12</sup>, mulher transexual negra, falava sobre escravidão e apontava a diminuição do seu valor pela sua cor. Ela era prostituta e seus serviços valiam menos devido a sua cor. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantado por Elza Soares, tocava ao fundo em um carrinho de som improvisado, até que a performista usou tinta branca para se “embranquecer”, como mostra a figura 2, e agora, metaforicamente, por ser branca, “valeria” mais, seus serviços sexuais seriam mais caros.



Figura 1 – Ato-protesto na Marcha das Vadias de Recife 2017

Fonte: Disponível em <<http://www.leijaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/>> Acesso em 25 de junho de 2017.

Além dessa performance, no mesmo ano, assim como em 2018, as mulheres leram em uníssono a carta protesto especificando os motivos da Marcha, como mostra a figura 3. Entre alguns motivos estavam: o fim do feminicídio; igualdade salarial entre homens e mulheres; situação das mulheres encarceradas; o fim do governo de Michel Temer; a descriminalização do aborto; contra a violência obstétrica; contra a violência doméstica; em apoio às mulheres negras; pela equidade de gênero; em apoio às mulheres transexuais e travestis que enfrentam a

<sup>12</sup>Informações retiradas do site <http://www.leijaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/> em 7 de junho de 2017

falta de emprego e o alto índice de assassinatos; pelo fim da objetificação e sexualização das mulheres.



Figura 2 – Mulheres lendo carta-protesto na MVR 2017

Fonte: Disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/05/27/marcha-das-vadias-levanta-bandeira-contra-feminicidio-em-ato-no-recife-286322.php> Acesso em 25 de junho de 2017.

Gohn (2017) vai apontar que apesar do ápice entre 2013 e 2016, os Novíssimos Movimentos Sociais brasileiros começaram a se articular anteriormente a isso, como o MPL, que foi oficialmente criado em 2005, no Fórum Social Mundial. Dentre as características criadas ou recuperadas pelo movimento estão as performances utilizando equipamentos sonoros. O que também acontece na Marcha das Vadias de Recife (MVR), em que no ano de 2017 e 2018, contou com a participação da batucada do Fórum de Mulheres de Pernambuco, formado por mulheres que tocam instrumentos e que ditam o ritmo das palavras de ordem e paródias cantadas pelas manifestantes.

Durante a caminhada, na MVR, em 2017, uma das organizadoras possuía um megafone e puxava as palavras de efeito, sendo seguida pela batucada e pelos outros participantes. Gritos de ordem eram entoados como “Feminismo é revolução”, “ai ai ai ai se balançar o Temer cai”, que protesta contra o presidente do Brasil à época, e pediam por “diretas já”. Também foi ressoado: “eu vou por nós, pelas outras, por mim”, “as gay, as bi, as trans e as sapatão tão tudo organizada pra

fazer revolução”; “se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser”, “faço o que quiser não mereço ser estuprada”, “vem pra rua contra o machismo” e “os homens vão pra cozinha rebolando até o chão, criancinha libertária quer saúde e educação, vem mulher com a mão pro alto pra fazer revolução” e “as mina que é chapa quente não aceita submissão”. Essas frases usadas na manifestação questionam o patriarcado, os padrões de hierarquia familiar e convidam outras pessoas a se juntar a causa.

Chama a atenção na Marcha das Vadias a relação entre o corpo feminino e a cidade. Segundo Galetti (2014), foram negados à mulher, por muitos anos, os espaços públicos. Apenas as prostitutas e “vadias” ocupavam esses lugares, devendo as outras se restringir a lugares privados se quisessem ser consideradas puras e “bem vistas”. Dessa forma, a Marcha causa um grande impacto nas cidades por se constituir como um movimento formado por mulheres performando, talvez parodisticamente (Butler, 2003), esse tipo estereotipado de mulher, reocupando a elas cerceados e ativando estéticas corporais e comportamentos tidos socialmente como inadequados para quem não é “vadia” com vistas a tecer uma crítica pública potente acerca da experiência social da mulher ainda no século XXI.

Além de ser um espaço na área central de Recife, o local de concentração – e percurso - da MVR é um espaço marcado historicamente por abrigar as mais importantes manifestações do estado de Pernambuco, como aponta uma participante entrevistada em 2017, expondo a importância da localização:

A Praça do Derby é historicamente um espaço de resistência, de luta. As manifestações históricas do estado, elas se concentram aqui... então é um simbolismo muito grande que as mulheres estejam ocupando esse espaço que politicamente é um espaço importante, mas que também é um espaço masculino, onde a concentração nas manifestações na maioria das vezes são de homens e a gente olhar ao redor e ver uma concentração de mulheres nesse espaço é importantíssimo (Entrevistada B, 27 anos, historiadora).

Harvey (2014) elabora a cidade como campo de ação política e espaço de direito a ser democratizado por meio da ocupação e da luta pelo “direito à cidade”. Inadvertidamente a Marcha das Vadias informa que o direito à cidade é limitado e



atravessado por marcadores sociais como classe, raça, gênero e sexualidade. A cidade, aponta o autor, a ocupação do espaço e (re)organização territorial são essenciais nas lutas políticas. Assim como o espaço geográfico pode definir quem ganha e quem perde em guerras, o mesmo acontece com a visibilidade dos movimentos políticos nos contextos urbanos. Dessa forma, as praças se constituem como importantes locais de ocupação da cidade, onde já aconteceram manifestações históricas, como na Praça de Tahrir, no Cairo e na Plaza Puerta del Sol, em Madri. No exemplo da Marcha das Vadias de Recife, a ferramenta política é fazer com que as mulheres ocupem praças e ruas do centro da cidade, é vestir roupas “inadequadas” ao espaço público e chamar atenção das pessoas que passam para a opressão e violência que sofrem.

Para as manifestantes, é estratégico ocupar o centro do Recife. Faz parte da subversão dos padrões binários de gênero (Butler, 2013) o fato de milhares de mulheres ocuparem um território que é dominado predominantemente por homens, no centro da cidade, que segundo uma manifestante, se configura como o local da capital de Pernambuco “onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos no cotidiano” (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

### **As vestimentas/objetos e a Marcha das Vadias em Recife-PE**

Os movimentos sociais e as manifestações políticas de mulheres nas ruas, acionando a ideia-reivindicação de autonomia e liberdade de seus corpos e de suas vidas, com pouca roupa ou semi-nus, manifestam, à princípio, uma dupla subversão, a do lugar destinado às mulheres e a do controle masculino dos corpos e comportamentos femininos. Ademais, essas mulheres utilizam do corpo historicamente coberto e associado supostamente ao pecado, que ainda carregam resquícios desse pensamento, para enfatizarem a luta contra a violência e o assédio. Uma das entrevistadas relatou:

Em muitos espaços a mulher é tolhida de vestir a roupa que quiser, ou mesmo no percurso, por exemplo, no percurso de casa pra vir pra cá, por eu tá com um short curto e um batom vermelho, quantas buzinas, quantas palavras agressivas mesmo, a gente não tem que escutar?

Então, ter esse espaço para as mulheres eu acho que é realmente um instrumento de dar um basta na sociedade sexista e dizer que a gente faz do corpo o que realmente quer (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Por ser uma manifestação caracterizada pelo uso de pouca roupa, as manifestantes afirmam que não há regras para as vestimentas ou obrigatoriedade para a nudez. As respostas foram unânimes em dizer que a finalidade é proporcionar um ambiente confortável e moralmente seguro para que as mulheres se vistam como quiserem, como apontou uma das entrevistadas:

Não tem roupa específica, a gente tenta ao máximo que o ambiente da Marcha seja um ambiente que as mulheres se sintam confortáveis para virem como quiserem, se quiser vir de burca, se quiser vir de blusa e shortinho, se quiser tirar a blusa, elas tão à vontade (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Em “O casaco de Marx”, Peter Stallybrass (2008) tece apontamentos sobre a dimensão social das vestimentas. O primeira deles é a capacidade das roupas carregarem marcas das pessoas que a vestem, agregando memórias, sentimentos, significados e emblematizando momentos. O autor acredita que os corpos são passageiros, no sentido de serem finitos, mas as roupas, enquanto objetos, em geral feitos de material mais durável que o corpo humano, sobrevivem, criam laços, marcas e são ressignificadas por outras pessoas. Stallybrass (2008) ainda entende as vestimentas enquanto forma de resistência. Conta o autor: diferente dos tecidos usados pela elite, geralmente feitos de linho ou seda, o tecido usado pela classe operária era o fustão, um tecido de qualidade inferior e mais barato, por isso passou a ser considerado marcador de pobreza e falta de posse das classes inferiores, tornando-se símbolo de classe. A percepção disso motivou um líder operário, trazido em seu livro, a se apresentar para a categoria vestido em um terno de fustão, ressignificando o tecido, tornando-o também símbolo de resistência para aquele grupo.

A roupa pode possuir um viés político. Seu significado pode ser interpretado e subvertido de tal forma que, antes exposto pejorativamente, pode se transformar em um símbolo de resistência. No caso da MVR, na sociedade em que vivemos, com um viés cada vez mais conservador e constituído a partir da ideia da posse do



corpo feminino, seja pelo patriarcado ou pelas instituições, dizendo o que se deve vestir, onde e de que forma, o uso de determinadas roupas no centro da cidade pode ser subvertido a elemento de protesto através da ressignificação e apropriação do corpo das mulheres por elas próprias.

O uso das roupas é uma questão relevante no cotidiano das mulheres, questão atravessada não só pelo gosto, mas por padrões sociais, exigências de mercado de trabalho, moralidades sociais, controle masculino, elaboração de autoimagem e segurança. Na Marcha das Vadias as mulheres se vestem de forma diversa: de vestido, sem blusa, com saia curta e sutiã, com os seios a mostra e o rosto coberto, algumas sem blusa e com os seios pintados, com blusas transparentes e decotadas, outras de shortinho com dizeres pintados no corpo, com calça, de calcinha e sutiã, e mesmo com camisas com inscrição de cunho feminista ou de partidos políticos, bem como com os corpos pintados com frases e símbolos de reivindicações, usando batom vermelho e com meia arrastão. Algumas vestem-se de modo mais performático como uma senhora que segurava uma placa escrito “vó dia”, e outra de uma viúva, vestida toda de preto, com um véu no rosto e tinha na sua placa “Tão nova... porque não casou de novo?”.

As mulheres participantes da Marcha das Vadias de Recife são levadas a refletir sobre as suas experiências enquanto mulheres em sua cidade. A manifestação as leva a pensar que não é só o conforto ou a estética que as mobilizam para escolher e usar determinadas roupas, mas refletem e criticam a necessidade de adequação à situação. A Marcha promove a crítica à ideia, machista e misógina, da mulher ser culpada por ter sido estuprada por usar uma roupa curta ou decotada. Isso significa que para não ser assediada é preciso seguir a um determinado padrão de vestimenta, exatamente o que o conceito da Marcha discute. Uma das entrevistadas afirmou que, por ser estudante de enfermagem, precisa usar determinada roupa para frequentar os locais de estudo, mas que no dia a dia não é muito criteriosa, e que busca “quebrar ao máximo isso de se vestir para agradar determinado padrão” (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Outra mulher entrevistada afirmou que automaticamente avalia o espaço que vai frequentar e, a partir disso, escolhe uma veste que seja apropriada para

aquela situação, pensando no machismo e na violência. Ela cita que não gosta de usar sutiã, mas que dependendo do espaço que vai frequentar, ela se adequa contra a sua vontade, como citado abaixo.

Eu avalio muito o espaço que eu vou, é automaticamente, às vezes eu nem percebo, mas já estou me vestindo me adequando pra um espaço que eu vou. Geralmente eu me visto da maneira mais confortável, mas se eu for... pronto, eu não gosto de usar sutiã, mas dependendo do espaço que eu for, eu vou colocar alguma coisa porque rola aquela... chama atenção... machismos e violências... e aí você sem perceber, mesmo você querendo enfrentar qualquer espaço, você acaba se privando e usando uma roupa que não mostre muito suas formas (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

A adequação da vestimenta a partir do local a ser frequentado, para Lipovetsky (2009), ocorre porque a moda, em sua dimensão social, se constitui como um sistema de regulação e pressão social, pois esta apresenta mudanças constantes que são acompanhadas pelo “dever” de serem seguidas pelos sujeitos, para que haja assimilação com o meio social. Essas mulheres, a partir das respostas, afirmando que buscam conforto na hora de se vestir, mais do que estarem inseridas na lógica da moda, acabam por questionar a padronização e imitação da moda. O próprio uso do sutiã no cotidiano é colocado como uma regra a ser seguida, uma forma de enquadramento estético e regulação social, pensando por muitas mulheres como uma “proteção” contra o assédio e o estupro, para salvaguardar a reputação, para levantar os seios deixando-os de acordo com o gosto estético masculino padrão. O mamilo não pode estar visível, além da blusa, é colocado como essencial o uso do sutiã. Dessa forma, o não uso do sutiã, no cotidiano e na Marcha é visto como um ato de subversão de regras sociais (assimétricas e misóginas) de gênero, como aponta uma entrevistada, uma “coragem”: “(...) a partir do momento que a gente não usa mais um sutiã, e a gente anda com o mamilo à mostra... é uma coragem, você se dispor a fazer isso é uma coragem... porque a gente sabe que isso gera todo um ‘auê’ onde quer que você esteja” (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

As roupas são objetos indispensáveis no nosso cotidiano. Segundo Alfred Gell (2018), as pessoas constroem relações com as coisas, e as coisas passam a intervir na realidade, mediada pela agência humana. Por meio das roupas, as mulheres da Marcha das Vadias intervêm na realidade, produz novas subjetividades

individuais e abrem espaço para a construção de novas realidades possíveis no que concerne a experiência de ser mulher na nossa sociedade.

Entendendo a vestimenta enquanto coisa representativa do social, Daniel Miller (2013), por sua vez, mesmo sem discutir a agência das coisas, como Alfred Gell (2018), se contrapõe a noção de que a roupa é um elemento fútil e sem uma expressiva relevância simbólica, colocando-a como uma poderosa constituinte da cultura, marcadora das diferenças, condensadora de sentidos. O senso comum acredita que os objetos são meros adornos ou superficialidades do mundo. Esse entendimento se dá pela crença de que o verdadeiro “eu” está internalizado no indivíduo. Os elementos internos e mais profundos são vistos como verdadeiros, e os elementos externos seriam falsos, superficiais e fúteis. O autor desconstrói essa ideia por acreditar que não há um “eu” interior que usa os objetos como forma de representação de si, e que na verdade os objetos são parte do “eu”, de forma que “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser” (Miller, 2013, p. 23). Pesquisas hoje consideradas como etnografias clássicas da antropologia, já apontavam a vestimenta como um elemento condensador de sentidos do social<sup>13</sup>.

Uma das entrevistadas na MVR de 2017 vestia short curto e um top, que deixava barriga, colo e pernas a mostra. Ela usou as partes desnudas do seu corpo para escrever com batom vermelho a frase “o estado não manda aqui”. Quando da entrevista ela explanou sobre estar semi-nua em espaço público como forma de protesto e a discussão das mulheres sobre roupa e corpo. Ela destaca que a vestimenta não diz sobre o caráter de uma mulher, e que elas precisam ser

---

<sup>13</sup> Clyde Mitchell (1956: p.19), por exemplo, pesquisando a dança Kalela realizada na África, na região do Cinturão do Cobre, chama a atenção para as vestes dos dançarinos dessa “dança tribal” que se utilizavam da imitação de um estilo europeu. Para ele, a vestimenta carrega símbolos de status e prestígio, pois os sujeitos buscam imitar o estilo de vida através da roupa, mesmo que o contexto social e econômico seja distinto do contexto europeu: “É significativo notar que nenhum dos dançarinos da Kalela é profissional ou “colarinho branco”. Três são alfaiates, o resto é de trabalhadores não-especializados. Para uma equipe de dançarinos que estão em ocupações de baixo escalão, vestir roupas elegantes no estilo europeu é particularmente importante. Aqueles que, em virtude de sua posição na comunidade, detêm pouco prestígio na vida cotidiana, aos domingos vestem seus símbolos e marcas aparentes de hierarquia e os exibem aos espectadores admirados no pátio de dança.

respeitadas independente da roupa usada, e que o estado é um dos agentes da opressão e operador das hierarquias. Em sua fala a discussão sobre roupa se relaciona com a discussão sobre corpo, política e liberdade; e a Marcha é o espaço seguro para debater tais temas, inscrevendo-os em seu corpo e performantizando-os em seu comportamento:

O fato de estar sem roupa ou com roupa nesse espaço ele não quer dizer nada porque aqui como em qualquer outro lugar a gente tem que usar o que se sente à vontade e bem. Esse espaço aqui que as mulheres que optam por mostrar mais o corpo e também um grito de libertação de mostrar de que no dia a dia a gente já é tão reprimida. Esse espaço aqui ainda é um espaço seguro pra gente colocar a pauta do corpo e das vestimentas em discussão porque o que a gente vê é que as pautas feministas vão além da discussão sobre a roupa, só que a discussão da roupa é uma discussão sobre o corpo, sobre o que se fazer com o seu corpo, sobre o que se tem direito de fazer com ele e qual é a intervenção que a sociedade deve ter nisso, que no caso não deve ser nenhuma. Então eu acho que o fato de tá sem roupa aqui é basicamente isso, é um grito de libertação de dizer: olha isso não significa absolutamente nada em relação a minha personalidade ou ao meu caráter é só corpo, como qualquer outro sabe? Masculino ou feminino. (Entrevistada B, 27 anos, historiadora)

O corpo mostrado na Marcha causa também estranhamento por não está, ou não querer estar, necessariamente dentre dos padrões de beleza, tampouco disponível ao consumo, principalmente masculino. São corpos negros, gordos, fora dos padrões sociais estéticos e não depilados. As participantes da Marcha das Vadias utilizam roupas entendidas como “inadequadas” ao espaço público, mas também mostrando seus corpos inadequados aos padrões estéticos. Se colocar no espaço da Marcha é visto como uma forma de desobediência ao que é socialmente aceito: o corpo magro, bronzeado e sem pelos, o corpo consumível. Uma das manifestantes, que estava com os seios à mostra na Marcha de 2017 argumenta:

É porque eu passei a adolescência todinha escutando que meu peito é pequeno, não tem peito, e outras mulheres também passaram por isso, tanto pro muito ou pouco... enfim, o formato do corpo delas, então isso pra mim, quando eu venho pra cá é pra mostrar que eu sou desse jeito... Mas tem outros significados também, que a mídia ela sexualiza muito o seio da mulher, tem essa coisa da mulher ser retirada do local porque ela tá amamentando, a gente vem e mostra também... tem vários significados pra cada uma, eu acho (Entrevistada A, 21 anos, estudante de letras)

O corpo exposto pela pouca roupa assume papel indispensável para a Marcha, sendo ele ao mesmo tempo instrumento reivindicador de autonomia e “outdoor” do protesto. É através dele que as participantes se expressam escrevendo mensagens como “feminismo libertário”, “meu corpo não é um convite” e “puta livre”. Esse corpo, para Galetti (2014) é um corpo ativo nas esferas pública e política, constituindo um “corpo político” (GALETTI, 2014, p. 2207). A figura 3 mostra uma das manifestantes que foi para a Marcha de Recife em 2017, sem blusa, com um short e fazendo uso do seu corpo para afirmar seus ideais.



Figura 3 - Mulher sem camisa na Marcha das Vadias - Recife 2017.

Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/fotografianathaliaverony/photos/a.690407024480050.1073741842.5973760590044/690407177813368/?type=3&theater> Acesso em 16 de junho de 2017.

Ocupar o espaço público também significa modificá-lo com elementos que remetam ao que é reivindicado, como mostra a figura 4. Na Marcha das Vadias de Recife em 2017, durante o trajeto da Praça do Derby à Praça do Diário, uma das manifestantes colou cartazes nas paredes e paradas de ônibus com as palavras “ventre livre”, fazendo referência à legalização do aborto, e “abandona teu Diego

Rivera”, que se refere ao cônjuge com o qual a artista plástica mexicana Frida Kahlo manteve um relacionamento conturbado durante anos.



Figura 4 - Cartaz colado durante a Marcha das Vadias de Recife 2017  
Fonte: Anna Odara Tavares, 27 de maio de 2017.

### A coletiva das Vadias

Apesar de ser uma manifestação na qual participam mulheres de todas as idades, cis ou trans, homens e crianças, a MVR é organizada por mulheres jovens participantes da Coletiva das Vadias, composta atualmente por 18 participantes. Elas se denominam um grupo auto-organizado, autônomo, apartidário, horizontal, e visam as lutas antirracista, antissexista, antiproibicionista e anticapitalista<sup>14</sup>.

A Coletiva passou por várias mudanças desde 2011. A primeira Marcha em Recife, no referido ano, foi organizada por mulheres feministas que entraram em contato com o movimento através da internet e se articularam para a realização da Marcha. Só posteriormente foi criado o Coletivo Marcha das Vadias Recife, a partir da necessidade de se colocar enquanto grupo feminista, se fortalecer e responder demandas político-sociais. Visando atender às demandas para além da Marcha,

<sup>14</sup> Informações retiradas da página do Facebook Coletiva das Vadias <<https://www.facebook.com/coletivadasvadias/>> acesso em 22 de nov 2018



após reunião interna em meados de 2018, optou-se por mudar o nome para Coletiva das Vadias. Ampliando os horizontes para além da Marcha das Vadias, a Coletiva organiza durante debates preparatórios para a Marcha, bem como outros eventos e manifestações em conjunto com outros grupos feministas, a exemplo a manifestação do “8 de março”, dia internacional da mulher, e do “28 de Setembro”, dia de Luta Latino-americano e Caribenho contra a criminalização das mulheres e pela Legalização do Aborto. Envolve-se ainda, a Coletiva, com ações junto a mulheres jovens, de periferia, nas escolas, nas universidades, não sendo mais unicamente vinculada à expressão performática e política na rua, que é a Marcha.

### **Considerações finais**

No Brasil a Marcha das Vadias ocorre em várias cidades, contextos em que as mulheres sentem nas ruas seus corpos violados pelas mais variadas formas de assédio. O protesto apresenta, de modo inadvertido, uma discussão sobre um projeto de cidade que respeite a circulação e a existência das mulheres. O direito a cidade (Harvey, 2014) para as mulheres é reivindicado pela ocupação despudorada das vias públicas, onde elas são assediadas, violentadas e estupradas cotidianamente. A cidade, para Harvey (2014), é um projeto excludente, hierarquizado e segregado de experiência comunitária, que está em disputa por diversos grupos. Com a Marcha as mulheres se estabelecem como um desses grupos, criando a partir de atos performáticos e corpos politizados novos parâmetros para a tal disputa.

A sociedade quando mobilizada pela pouca roupa ou ausência dela no contexto da Marcha das Vadias revela que a vestimenta possui um lugar simbólico significativo na nossa experiência, operando uma lógica de controle que é subvertida pelas manifestantes. Para essas mulheres é importante ocupar aquele lugar vestindo-se e performando “vadias”, pois, para além das características físicas e estéticas, as vadias dessa performance políticas são indecorosas, corajosas, rebeldes e empoderadas. A Marcha das Vadias reafirma a possibilidade de uma experiência urbana na qual os corpos das mulheres cis ou trans não são objetos da

regulação pública, tampouco as vítimas de violência sexual são as culpadas devido a roupa decidem vestir.

## Referências

BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Política, Cultura e Universidade**. São Paulo: Schwarcz, 2018. p. 23-42.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gêneros: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro-RJ, Civilização Brasileira, 2003.

CHAVES, Christine de Alencar. A Marcha Nacional dos Sem-terra: estudo de um ritual político. *In* O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais / Mariza Peirano (org.). – Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

CORRÊA, Marisa. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Cadernos Pagu: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, Lisboa, v. 16, p.13-30, out. 2001.

GALETTI, Camila Carolina H. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. Recife: 18º Redor, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 20 mai. 2017

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. São Paulo: Ubu editora, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. 59. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Cap. 1. p. 27-66.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

MAUSS, Marcel, “Les techniques du corps”, *Journal de Psychologie*, XXXII, ne, 3-4, 15 mars - 15 avril 1936. (Trad. Bras. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003)



MIGUEL, Luis Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. S.l.: Boitempo, 2018. p. 16-24.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. **“Ideologia de gênero”**: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In *Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017*.

MITCHELL, J. Clyde. **A Dança Kalela**: Aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte. Sem Editora, 1956.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SÁ BARRETO, Francisco; MEDEIROS, Izabella. **A “Ocupação” Como Léxico Da Agência Política Nas Cidades Contemporâneas**: O Caso Do Movimento Ocupe Estelita em Recife – Pernambuco. Caxambu: 41º ANPOCS, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. S.o.s Corpo, Recife, p.1-35, 1995. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 20/12/2019